

Como celebrar o que é memorável?

*Professora Emérita Dra. Maria do Carmo Guedes**

Trabalhando em história da psicologia, sei bem a importância e o perigo das datas comemorativas. Ao mesmo tempo colaboram para muito pesquisar, mas servem também apenas para reacender violências que não deveriam ser esquecidas. Emblemático para nós é o caso da “descoberta” do Brasil, que na verdade não merece ser comemorada (Chauí, 1999). É o trabalho humano que deveria ser sempre o mote para comemorar algo diz a autora, e foi isso que me veio à mente quando a Comissão responsável pela Semana de Integração fez o convite em 2018. Procurei um tema sobre o qual valeria a pena falar ao lembrar dos 55 anos da Graduação em Psicologia na PUC. Como alguém que tivera a oportunidade de conhecê-la quase desde o começo (cheguei aqui no segundo ano do Curso iniciado em 1963), resolvi que deveria escolher um tema que me tivesse impressionado desde sempre nesta Instituição – a Católica de São Paulo, como era então chamada, apesar de o título Pontifícia ter já quase dez anos.

Não era instituição da minha formação, mas poderia vir a ser a de adoção para a vida profissional que começava: a de professora no ensino superior. E decidi: para celebrar este aniversário revi minhas lembranças para falar da Iniciação Científica na Graduação em Psicologia na PUC – marca especial que deveria caracterizar o chamado nível superior de formação neste país.¹

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Departamento de Métodos e Técnicas, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Programa de Estudos Pós-Graduados em Análise do Comportamento.

¹ Aprendi, em meu primeiro emprego depois de formada, a importância de um Curso de Nível Superior neste país. Darcy Ribeiro não tinha ainda publicado *A Universidade Necessária* (1969), mas já defendia, desde que começar a trabalhar com Anísio Teixeira, o que deveria ser

Gostei mesmo de encontrar o tema na lista da Comissão e, por isso, fui atrás de informações para preparar, além de um texto, uma Exposição com material de nosso acervo sobre alguns momentos nestes 55 anos em que este Curso mostrou seu carinho por esta modalidade importante na formação universitária. E encontrei cinco. Fizemos a Exposição, porque a Comissão nos cedeu espaço para isso. E pudemos, ao longo de dois dias, atender a visitantes que por ela passaram. Quanto aos cinco momentos encontrados nesta primeira procura, falei sobre eles no evento para o qual fui convidada depois.

E agora, outro desafio: escrever para este número especial da Psicologia Revista, aliás outro feito importante de nossa Graduação, esta publicação criada por Raul Pacheco Filho e Sergio Ozella, e bravamente mantida por Editores que dela dão conta apesar da falta de apoio da mantenedora e da própria comunidade científica no Brasil.²

Ora, é difícil recusar convites para comemorar datas que muito nos agradam. Por exemplo, a da comemoração dos 55 anos da Graduação de Psicologia da PUC-SP – um Curso e uma instituição que me acolheram quando eu tinha um projeto de vida que nada tinha a ver com esta área (eu pretendia ser Professora no Ensino Superior, mas em Filosofia); nem com a instituição, para a qual eu vim porque um colega no Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE, órgão do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira /Ministério da Educação – INEP/MEC) me deu a dica: “a Católica está querendo um professor em Psicologia Científica para alunos de Filosofia”.

Depois do susto – eu nem imaginava que a disciplina precisasse desse adjetivo, pensei: e por que não? De família católica, nada tinha contra, mas também nada sabia desta instituição que ninguém chamava ainda de Pontifícia. No entanto, acabei descobrindo um dia que meu empregador (Dr. Enzo Azzi) era o Catedrático de Psicologia, e foi ele que me aceitou em

este nível de ensino para ajudar o país a sair da estagnação a que o reduzira nossos “males de origem”, como dizia Manuel Bomfim já em 1905.

² Cabe lembrar aqui a demissão da Professora Sandra Dias em 2005, quando era a Editora Científica de *Psicologia Revista*. Consta que essa contribuição não foi considerada como especial pela Fundação São Paulo, que explicou sua demissão porque, de dois casos iguais, era quem menos custaria aos cofres da mantenedora.

1962 para dar esse curso. Sabia-se muito bem o que era um Catedrático na USP de então – eram mesmo poderosos! Podiam contratar e descontratar sem pedir autorização a ninguém. Cheguei a ver mais tarde uma tentativa de coibir isso na PUC, quando Ana Maria Poppovic se rebelou ao ser convidada a assinar um documento que passou a ser exigido pela mantenedora. Sendo já uma contratada pelo Instituto de Psicologia há algum tempo, ela se negou e, frente a uma ameaça de dispensa, entrou na Justiça ... e ganhou.

Na PUC, se fui logo aceita, foi porque (descobri depois), Enzo Azzi queria alguém que trabalhasse em pesquisa, pois o Curso de Filosofia “só ensinava psicologia filosófica”. Outra coisa que soube depois que assumi a história da psicologia como ocupação, foi que Dr Azzi, apenas dez anos depois de vir ao Brasil para criar o Instituto de Psicologia e Pedagogia nesta instituição, já participava do primeiro Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), uma das instituições de maior credibilidade entre as que cuidam de fomento à pesquisa no país. Portanto, reconhecido também na ciência paulista.

Preparei para a Filosofia um programa que incluía muita Filosofia da Ciência (minha disciplina preferida na Filosofia) e, na sequência, Método da Ciência e Crítica ao Método Científico. Explico: era o tempo em que os cientistas começavam a invadir os congressos de filosofia no Brasil para mostrar que eles é que sabiam o que era ciência... Minha proposta foi aprovada e comecei. E não gostei. Descobri mais tarde que a aprovação era só de Dr. Azzi, não do Curso de Filosofia. Fui mesmo muito mal recebida por professores ligados à TFP – Tradição Família e Propriedade – (“além de jovem, mulher!”, disse o Professor Van Acker quando entrei pela primeira vez na sala dos professores) e não gostei muito dos alunos, nem sei por quê. Assim, ao final do ano, apenas avisei que não ia continuar. Eu ainda trabalhava no CRPE, e gostava do que fazia lá: ajudar na construção de uma Escala de Escolaridade para alunos do Curso Primário (quatro primeiros anos no ensino fundamental). A ideia era de Anísio Teixeira (Diretor do INEP e autor de *Educação não é privilégio*) e Fernando de Azevedo (principal autor do *Manifesto da Educação: Mais uma vez convocados* – um convite

aos cientistas sociais para ajudar na construção de uma política educacional para o Brasil). Juntos no CRPE de São Paulo defendiam: “nenhuma criança fora da escola!”. E era bonito contribuir para isso.

Ao avisar que ia desistir, o Professor Azzi propôs: “por que não aguarda até o próximo ano para decidir? Acabamos de começar um curso novo na São Bento o de Psicologia, e vamos precisar de professor de Psicologia Experimental, disciplina que vai entrar no segundo ano”. E se eu não quisesse, completou, poderia tentar Metodologia da pesquisa científica para a Pedagogia e Ciências Sociais... o que, de fato, aconteceu também, dois ou três anos depois.

Fiquei, e nunca me arrependi. Recebida pela equipe que trabalhava diretamente com Doutor Azzi – os poucos professores que davam aula no primeiro ano, principalmente Maria Fernanda Beirão (também filósofa e que dava História da Psicologia), a secretária Odila e o Professor Nelson de Campos Pires, que me apresentou o Laboratório de Psicologia Experimental (onde eu poderia ter a parte prática de pesquisa na disciplina). Em meu programa, continuava subdividindo o tempo como no programa que dera para o pessoal da Filosofia: primeiro Filosofia da Ciência, depois Metodologia da Ciência e, para terminar, algo que tivera no segundo ano de Filosofia com Carolina Bori: Prática em Psicologia Experimental; guardei um terço do ano para experiência em pesquisa. Dois anos depois, em meu 3º ano na PUC, já fazia uma “dobradinha” com Sílvia Lane (professora de Psicologia Social): os alunos tinham experiência em uma pesquisa de laboratório ou de campo, que valia para ambas as disciplinas; no ano seguinte, já valia também para o Professor Raul de Moraes (podia melhorar a nota em Estatística).³ Em 62 pude ainda conhecer melhor a equipe que dirigia a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da São Bento – Padre Enzo Gusa (Diretor) e Professor José Nagamine (Secretário). E todos me fizeram as “honras da casa” de uma maneira que me conquistou.

3 Já então abríamos a disciplina para pesquisas observacionais e correlacionais. E, trabalhando com Sílvia Lane, começávamos a buscar também a epistemologia que, na América Latina já era chamada qualitativa. Lembro, a propósito, que trabalhamos juntas no CRPE de São Paulo, cuja abertura em 1956 foi marcada por um “Curso para Professores para a América Latina”.

Assim, enquanto a Ditadura se instalava no país em 1964, e logo incidia sua cruzada contra o INEP e tudo que tinha a ver com Anísio Teixeira, fui-me habituando a uma instituição que era particular (ainda sem interferência direta dos militares no poder), mas que tinha o que aprendemos a chamar de vocação pública (“nenhum estudante fora da Universidade”). E quando em 68 a sublevação dos estudantes e operários cresceu no país, tivemos – na PUC de São Paulo – a chance de viver uma experiência importante. Foi quando conheci melhor o grupo de Dr. Azzi que trabalhava na Clínica Psicológica. Até então só encontrava os professores nas reuniões do Departamento de Psicologia, pois suas salas de trabalho eram num casarão da Cardoso de Almeida, onde ficava a Clínica. E alguns contratados como pesquisadores (Lúcia Bonilha, Silvia Lane e eu) trabalhávamos em outro endereço, no Departamento de Pesquisa chefiado pela Doutora Aniela Ginsberg. Foi nesta casa (na Bartira, onde hoje há um posto de gasolina), que nos reunimos quando os alunos tomaram o prédio da Monte Alegre em junho de 1968. Eu já era tempo integral na PUC (saíra do CRPE e passara a ter aulas até o 4º ano, respondendo também pelo TCC para bacharelado) e pude participar dos encontros de professores para analisar as demandas dos estudantes por mais vagas, melhor relação teoria-prática e mais aplicação a problemas da realidade brasileira.

Por isso, quando pudemos retomar as aulas no segundo semestre, pudemos também viver uma experiência curricular revolucionária na Psicologia: dirigidos por uma Comissão Paritária, tivemos grandes projetos nos quais nos engajamos todos, abandonando a divisão em disciplinas (os professores) e os alunos como auxiliares e assistentes de pesquisa (abandonando a divisão em séries). Éramos assim muita gente trabalhando em projetos ao mesmo tempo de estudo, pesquisa e aplicação. Conheci então o pessoal que só dava aula nos últimos anos do curso. Os alunos do 5º e 6º anos foram dispensados dessa experiência para completar suas supervisões de estágio. O curso tinha então seis anos e os estágios profissionalizantes começavam no 5º ano. Desse momento, não me esqueço da generosidade de Mathilde Neder ao acolher em sua disciplina uma nova abordagem (a terapia comportamental), o que foi especial para os muito interessados em psicologia experimental.

Depois disso, foi fácil assumir com a PUC um projeto de Reforma Universitária voltado a muita resistência à ditadura mas com muita criatividade na desobediência explícita a algumas imposições da Lei 5.540/68. Por exemplo, a exigência de separação das áreas de conhecimento em faculdades separadas, acabando com as antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Na PUC, em represália, o Ciclo Básico misturou nas salas-de-aula alunos dos diferentes cursos. E, na implantação da pós-graduação como um sistema de ensino já em 1969, graças a um item do Estatuto da Universidade, a PUC começou logo a contratar pessoal importante expurgado da USP e outras instituições estatais. Uma façanha especial coube ao pessoal da Graduação em Psicologia nesse momento: a possibilidade de contratar, como instrutores para o Ciclo Básico, pessoal recém-formado pela própria PUC, para duas das disciplinas ministradas a todos os alunos das Ciências Humanas – Psicologia e Metodologia da Pesquisa.

Também foi importante, nesse momento, a fusão com o curso da FFCL Sedes Sapiente, até então apenas uma agregada à PUC. Além da colaboração de Madre Cristina e Padre Abib no planejamento da Faculdade a ser criada, tivemos a contribuição de professores que vieram reforçar a reputação da Católica. Por exemplo, em Educação recebemos Maria Nilde Mascelani, presença que gerou mais tarde um embate com o Conselho Regional de Psicologia (CRP). Lembro bem porque era então Diretora da Faculdade e recebi um emissário que pretendia “conferir” se nossos Supervisores de Estágio eram todos psicólogos(as). Só pararam com a tentativa de resolver o que chamavam de “problema da PUC” quando lembrei ao terceiro emissário que a Universidade tem a ver com o Ministério da Educação, e que se quisessem autoridade para essa interferência em nosso currículo deveriam apelar ao Ministério do Trabalho que fizesse a mediação junto a ele. Depois dessa conversa não voltaram mais, pelo menos enquanto fui Diretora.

Gosto de lembrar ainda, de nossa Graduação, o momento em que me decidi por fazer a Tese em Psicologia. Já fizera alguns créditos para uma tese em Filosofia (encantada com Professor Lacey, da Universidade Notre Dame, a quem teria pedido para me receber como doutoranda), não fora uma descoberta: Carolina Bori, que me dera Psicologia Experimental

no segundo ano de Filosofia, fizera sua tese em Psicologia Social, chefiava agora o Departamento de Psicologia Social e Experimental da USP e estava dando uma disciplina para pós-graduandos em Ensino de Ciências sobre Programação de Ensino. Matriculei-me, achei que era isso mesmo que iria ser e, decididamente, gostaria de ser doutora por esta instituição. Generoso, como sempre, Dr. Azzi acolheu não só meu pedido para defendê-la na PUC como o de trazer comigo os créditos já cumpridos na USP e a orientação de Carolina Bori. E, mais uma vez, não me arrependi. Ao contrário, ao ter Dom Paulo Evaristo Arns como Grão-Chanceler, passei mesmo a me orgulhar de pertencer à Católica.

Na Graduação em Psicologia acompanhei e acompanho ainda aquilo que aprendi direta e concretamente com Doutor Azzi: a importância da Iniciação Científica. Por isso, o primeiro exemplo de “Momentos de muita Iniciação Científica antes do PIBIC” – título de nossa Exposição na Semana de Integração em 2018 – foi exatamente o **Currículo Azzi**, nome que dei ao período 1963-1968 em capítulo no livro *Escritos sobre a profissão de Psicólogo no Brasil* (Yamamoto & Costa, 2010), a convite dos Organizadores. Um Currículo totalmente comprometido com a preparação de psicólogos, cuja profissão levou dez anos até se decidir como de nível superior.⁴ Um currículo para o qual só se contratava quem era também pesquisador, tanto os das disciplinas biológicas como os necessários à formação geral em filosofia e ciências sociais e humanas, além dos psicólogos. E que exigia duas pesquisas como Trabalho de Conclusão de Curso – uma para bacharelado (pesquisa experimental ao final do 4º ano), outra para a formação profissional no final do 6º ano (pesquisa clínica). Para Enzo Azzi, a Psicologia só tinha dois métodos: o experimental e o clínico e este era exigido pela Psicologia qualquer que fosse a opção do aluno – clínica, organizacional, educacional.

4 É de 1953 a proposta para criação de uma profissão que teria o nome de psicologista. Encaminhada pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Faculdade Getúlio Vargas (FGV) (Rio de Janeiro), era assinada pelos psicotécnicos e visava uma profissão que auxiliaria (portanto apenas técnica) profissionais de nível superior, como psiquiatras, juristas e outros profissionais que precisassem de laudos psicológicos propiciados pela psicometria de então. Muito me orgulhei de trabalhar com Enzo Azzi, cujo Laboratório de Psicologia Experimental (que ele trouxe ao Brasil para fundar na PUC um Instituto de Psicologia e Pedagogia) era usado apenas para estudo e pesquisa.

E aqui o segundo momento escolhido para o presente texto. Desse aprendizado inicial com Azzi, veio minha preocupação com meus primeiros doutores. Era preciso que entrassem imediatamente na comunidade científica, razão pela qual tivemos nos anos 1990 um Projeto Integrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que rendeu bolsas de Pesquisa para três novas doutoras em Psicologia Social, em nosso Núcleo de História da Psicologia. Foi um grupo e um tempo (1996-2002) de muita pesquisa em Iniciação Científica, para a qual bolsas PUC foram fundamentais: o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) de então fornecia bolsa-pesquisa diretamente, além daquelas que se podia conseguir como “bolsa-balcão” diretamente na FAPESP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e CNPq. Desse modo, a Equipe de Comportamental da Graduação levou pesquisas para congresso internacional da Association for Behavior Analysis (ABA), individuais de professores e alunos da graduação, mas também em co-autoria professor-aluno e aluno-aluno, quando isso nem era uma exigência da CAPES. Dessa experiência é que a proposta do Mestrado em Psicologia Experimental recebeu uma rara nota 4 quando proposto ao Conselho Federal de Educação. Relatório que fizemos com uma ex-aluna mostra bem esse segundo momento que escolhemos como marcante em Iniciação Científica na nossa Graduação.

O terceiro momento escolhido teve começo (1989) mas está longe de um fim, graças a uma ex-professora (como ela prefere ser chamada) – Odette de Godoy Pinheiro, Diretora Presidente da Fundação Aniela e Tadeuz Ginsberg (FATG) nos últimos anos. Trata-se de um projeto que trouxe para nosso Curso não só muita ajuda aos interessados (professores ou alunos) em Iniciação Científica a partir de uma oportunidade muito bonita: a colaboração de uma pesquisadora, Doutora Aniela Ginsberg (1904-1985), que deixou em testamento bens que deveriam ser usados na criação de uma Fundação para dar bolsa a estudantes da Psicologia da PUC-SP. Em homenagem a essa professora, a FATG vem dando muita bolsa-pesquisa. Nos dez primeiros anos, orientando alunos que a Fundação ajudava na preparação de projetos que, graças à colaboração de professores que nada ganhavam para isso, e que pediam bolsa a algum órgão de fomento no

país e até fora do país. Depois disso, a FATG vem dando ainda Prêmios a pesquisa de aluno da graduação PUC.

Finalmente, um quarto momento tão vivo quanto esse mas, como o primeiro de nossa escolha, imerso no próprio Currículo da graduação PUC-SP em Psicologia: a disciplina Modelos de Investigação em Psicologia. Tenho acompanhado a Exposição que a disciplina oferece ao final de cada ano – às vezes como avaliadora, mas sempre como interessada em conhecer nosso “celeiro” de futuros pesquisadores. Há já pelo menos um artigo sobre esta experiência de Pescatore, Bettoi, Gianfaldoni, Gonçalves (2016). Mas me dá vontade de ter, de novo, um orientando interessado no tema. Já tive uma, a Professora Sandra Bettoi que fez seu Mestrado na Psicologia da Educação, sobre a iniciação científica (assim mesmo, em minúsculas) na graduação da PUC. Descobriu então, entre outros, a força da relação aluno-aluno, nos pátios e corredores da Universidade, alertando para uma espontaneidade que não deveria ser desperdiçada. Quanto à disciplina Modelos, o artigo a que me refiro é a melhor descrição que se poderia ter de um trabalho que merece mais pesquisa e mais divulgação para ser valorizado pelas instituições que nos avaliam hoje. A meu ver uma proposta que deveria ser defendida como inovação, termo tão ao agrado hoje do CNPq. De fato, a Ciência se apresenta hoje colada aos termos Tecnologia e Inovação. E se só a PUC tem uma disciplina como essa, é ainda (se é que se pode dizer deste modo) inovadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chauí, M. (1999). “O que é comemorar?”. Conferência em 5/10/1999 na PUC-SP, como parte do Simpósio *Revisitando os descobrimentos: práticas, espaços e linguagens da comemoração*. Publicada em *Projeto História*, São Paulo, (20), abr, 2000.
- Pescatore AlvesI, C.; Bettoi, S.M.; Gianfaldoni, M.H.T.; Gonçalves, M.G. (2016). Ensinando a Pesquisar: os desafios diante da diversidade da Psicologia. *Ensino e Formação*. dez, 7(2), pp.85-91.
- Yamamoto, O. H.; Costa, A. L. F. (2010). Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil. Natal: UFRN/EDUFRN. 274p.